# A Pandemia e a Guerra na UcrÃ¢nia, efeitos sobre a PolÃtica EconÃ³mica em Cabo Verde

## DescripciÃ³n

A pandemia e a nova guerra na Europa, em conjunto, estÃ£o a configurar-se como um acelerador da histÃ³ria. Com o estreitamento das diferenÃ§as entre o curto, o mÃ©dio e o longo prazos. E entre o simultÃ¢neo e o sucessivo.

Este novo acelerador implica, necessariamente, o aumento dos riscos e os desafios para Cabo Verde, mas, sobretudo quanto a mim, das oportunidades para o nosso paÃs.

Em jeito de antecipaÃ§Ã£o de conclusÃ£o, permitam-me dizer que Cabo Verde nunca teve ao seu alcance tantas oportunidades, para se fazer um paÃs desenvolvido, graÃ§as a este novo acelerador da histÃ³ria.

Dos riscos nÃ£o vou falar. Ã? tema que pertence a um outro encontro, que espero venha a acontecer, sobre as questÃµes de defesa e seguranÃ§a suscitadas pela atual situaÃ§Ã£o que se vive no planeta.

Os desafios estÃ£o intimamente associados Ã s oportunidades, de tal forma que quem ou, melhor, os paÃses que nÃ£o conseguem identificar e enfrentar com sucesso os desafios nÃ£o conseguem tirar partido das oportunidades.

Ã? relativamente fÃ¡cil identificar os aceleradores na histÃ³ria da humanidade. Geralmente, no passado mais distante, estes aceleradores distavam perÃodos de tempo suficientemente longos, que permitiam a sua absorÃ§Ã£o, bem como a acumulaÃ§Ã£o dos fatores que ditam a eclosÃ£o dos factos e conclusÃµes que desencadeiam ou estimulam um novo acelerador.

Na nossa Ã©poca e anterior a este acelerador em curso, hÃ¡ a considerar dois outros aceleradores: um no conjunto Grande DepressÃ£o, de 1929, e II Guerra Mundial, e outro, a Queda do Muro de Berlim.

Como justificar esta afirmaÃ§Ã£o de que Cabo Verde dispÃµe de enormes oportunidades, com este acelerador, para se tornar um paÃs desenvolvido?

Aceitem a minha conclusÃ£o como fruto da experiÃªncia de quem tem estado a Â«espreitarÂ» ao longo de muitas dÃ©cadas o mundo das oportunidades eventualmente direcionÃ¡veis para Cabo Verde e que nestes quase trÃªs anos de pandemia, recentemente associada Ã  guerra na Europa, recolheu informaÃ§Ãµes, disponibilidades e indicadores que o fazem acreditar nesta conclusÃ£o:

**Cabo Verde dispÃµe atualmente das oportunidades para se fazer um paÃs desenvolvido.**

Aceitem como indicador relevante a assinatura, no passado dia 30 de setembro, de um protocolo, pelo Governo e uma instituiÃ§Ã£o internacional, para a operacionalizaÃ§Ã£o da Plataforma Internacional de SaÃºde em Cabo Verde.

De uma nova Plataforma, alÃ©m da jÃ¡ em curso, que eu designo de Plataforma Internacional de Lazer e de Eventos, e que integra o Turismo.

Cabo Verde tem todas as condiÃ§Ãµes para se transformar num paÃs-plataforma e, assim, tornar-se um paÃs desenvolvido que nÃ£o necessitarÃ¡ da ajuda internacional para sobreviver. Antes pelo contrÃ¡rio, poderÃ¡ disponibilizar-se para ajudar outros paÃses que ainda estejam na triste situaÃ§Ã£o em que ainda se encontra, hoje, Cabo Verde.

Mas, e agora a grande pergunta, Â«comoÂ» faze-lo?

Esta a grande questÃ£o: como fazer para se transformar num paÃs desenvolvido, enquanto paÃs-plataforma.

Que matriz de novas polÃticas sociais, institucionais e econÃ³micas adotar?

## O Acelerador da HistÃ³ria Grande DepressÃ£o, de 1929, e II Guerra Mundial

A tÃtulo comparativo e para ressaltar o papel da polÃtica econÃ³mica (e das polÃticas sociais e institucionais), vejamos o enquadramento do acelerador Grande DepressÃ£o, de 1929, e segunda Guerra Mundial, para tentar responder ao Â«comoÂ».

Vou-me servir de um grande pensador da economia de mercado, ou seja, da nossa economia, John Maynard Keynes, para extrair os ensinamentos vertÃveis para os desafios que Cabo Verde tem que enfrentar para ser um ganhador deste momento que o planeta atravessa, ou seja, para que se transforme num paÃs desenvolvido.

John Keynes rompeu com o pensamento dominante na teoria econÃ³mica da sua Ã©poca e traÃ§ou um novo paradigma que garantiu a extraordinÃ¡ria expansÃ£o da economia mundial, a seguir Ã  segunda guerra mundial, a aceleraÃ§Ã£o da globalizaÃ§Ã£o, a grande revoluÃ§Ã£o tecnolÃ³gica que vivemos e a sua absorÃ§Ã£o em todos os aspetos da vida individual e coletiva, com destaque para a economia, a mobilidade e a comunicaÃ§Ã£o, bem como o aparecimento de um novo conjunto de paÃses desenvolvidos, especialmente na Ã•sia, infelizmente, com a exclusÃ£o dos paÃses africanos.

John Keynes contrariou a ideia central dos clÃ¡ssicos do pensamento econÃ³mico, segundo os quais a economia de mercado seria, pela sua natureza, autorregulada.

No seu livro A Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda, editado em 1936, John Keynes rebate a tese central da autorregulaÃ§Ã£o da teoria liberal da economia de mercado, nomeadamente da chamada lei de Say, segundo a qual Â«a economia de mercado garante, automaticamente, a nÃ£o escassez de poder de compra, quer porque o processo de produÃ§Ã£o capitalista Ã© o processo de geraÃ§Ã£o de rendimentos (salÃ¡rios, lucros, juros, etc.), capazes, por si sÃ³, de criar o financiamento da procura, quer porque pela via dos mecanismos automÃ¡ticos dos mercados livres, os movimentos corretivos e espontÂ¢neos de salÃ¡rios, preÃ§os e juros garantiriam que os nÃveis de procura nÃ£o ficassem permanentemente aquÃ©m dos nÃveis de produÃ§Ã£o de pleno empregoÂ».

John Keynes demonstrou que a visÃ£o da Lei de Say nÃ£o correspondia Ã  economia de mercado e de forma Â«GeralÂ», como sublinha o tÃtulo da Teoria Geral, isto Ã©, no hoje, no amanhÃ£ e no sempre do funcionamento da economia de mercado, e em qualquer paÃs, incluindo em Cabo Verde e na economia global, isto Ã©, no Â«GeralÂ».

Em consequÃªncia, Keynes defende a necessidade de uma aÃ§Ã£o decisiva, reguladora e preventiva do Estado, o que, como sabemos sÃ³ viria a ser adotado a seguir Ã  II Guerra Mundial, em Bretton Woods.

As economias mais desenvolvidas antes da II Guerra Mundial encontravam-se numa situaÃ§Ã£o catastrÃ³fica, com as minimalistas polÃticas econÃ³micas e sociais em profunda contradiÃ§Ã£o (letal) com a natureza e as necessidades do funcionamento da economia de mercado.

Alguns dados ilustrativos da situaÃ§Ã£o das economias dos paÃses desenvolvidos nesse perÃodo:

Na dÃ©cada de 20, a economia inglesa atravessa sucessivas crises que culminam na grande DepressÃ£o.

Em 1932, por exemplo, o desemprego atinge nÃveis impressionantes, com a quase total ausÃªncia de polÃticas sociais atenuadoras dos malefÃcios a ele ligados.

A produÃ§Ã£o industrial norte-americana correspondia, em 1932, a 58% da produÃ§Ã£o industrial de 1913, ou seja de imediatamente antes da I Guerra Mundial.

A produÃ§Ã£o industrial alemÃ£, a 65% da produÃ§Ã£o industrial de 1913.

E sublinhe-se que o sector industrial era o dominante na altura.

A crise econÃ³mica e social irÃ¡ determinar a eclosÃ£o de movimentos populistas, fascistas, racistas e expansionistas, em termos territoriais, que assumirÃ£o o poder em diversos paÃses europeus, incluindo pela via eleitoral, como foram os casos da Alemanha e de ItÃ¡lia.

Se as ideias de John Keynes tivessem sido adotadas em 1936, apesar do tardio, talvez tivesse sido possÃvel evitar a guerra.

As ideias de John Keynes serÃ£o adotadas pelos paÃses mais desenvolvidos e passaram a nortear a anÃ¡lise da economia de mercado, a reconstruÃ§Ã£o das economias destruÃdas pela Segunda Guerra Mundial, o reforÃ§o da globalizaÃ§Ã£o e a criaÃ§Ã£o de um clima Ãmpar para a inovaÃ§Ã£o e a absorÃ§Ã£o da tecnologia na economia, tanto na indÃºstria, quanto na agricultura e nos serviÃ§os, tornando-se estes Ãºltimos, isto Ã©, os serviÃ§os, o sector-chave das economias, tanto do ponto de vista quantitativo quanto do ponto de vista qualitativo.

A influÃªncia do pensamento prÃ©vio na definiÃ§Ã£o dos caminhos que a humanidade tende a seguir tem um ponto alto na relaÃ§Ã£o entre a anÃ¡lise do processo econÃ³mico de John Keynes e os acontecimentos econÃ³micos que marcam estes Ãºltimos cerca de oitenta anos da vida coletiva da nossa espÃ©cie.

Com destaque na atualidade para o digital, a automaÃ§Ã£o e a robÃ³tica, a biotecnologia, a mobilidade, a comunicaÃ§Ã£o, a conquista do espaÃ§o e o Estado Social.

Trago atÃ© vÃ³s as ideias-chave do pensamento de John M. Keynes com impacto no questionamento do processo atual de funcionamento das economias de mercado, incluindo a economia de Cabo Verde, ou, *lato senso*, da economia de mercado, como um todo, com a globalizaÃ§Ã£o.

Apresento uma pequena lista dos conceitos fundamentais do pensamento de John Keynes:

1. A eficiÃªncia marginal do capital

2. A procura agregada.

Permitam-me um parÃªntesis sobre este segundo conceito, o da procura agregada, e sublinho a importÂncia de considerarmos a separaÃ§Ã£o entre a procura agregada global, por um lado, e a nacional ou regional, por outro.

Entendo que o tratamento em separado, apesar de intimamente ligados, da procura agregada global e da procura agregada regional ou nacional, por outro lado, Ã© fundamental para a definiÃ§Ã£o de polÃticas de desenvolvimento especÃficas para cada paÃs africano, logo, para Cabo Verde.

Esta separaÃ§Ã£o na anÃ¡lise permitirÃ¡, entre outros, sublinhar o papel fundamental do investimento feito pelos empresÃ¡rios nacionais, logo, da necessidade de programas de patriotismo econÃ³mico em cada um e em todos os paÃses africanos, incluindo em Cabo Verde.

3. O papel central da taxa de juro, no funcionamento da economia de mercado.

4. A noÃ§Ã£o de propensÃ£o: de consumo, de poupanÃ§a, de investimento.

NÃ£o irei maÃ§ar-vos com uma anÃ¡lise detalhada da economia cabo-verdiana com base nestes conceitos, nem com a anÃ¡lise dos erros, acertos e omissÃµes da polÃtica econÃ³mica em Cabo Verde, bem entendido, de acordo com o pensamento de John Keynes.

Apenas irei analisar a resposta ou ausÃªncia dela da polÃtica econÃ³mica relativa Ã  procura agregada em Cabo Verde, induzida pelo turismo, bem como, o papel da taxa de juro na eficiÃªncia marginal do capital, isto Ã©, na variÃ¡vel que leva o investidor a decidir se investe ou nÃ£o numa determinada economia, no caso, em Cabo Verde.

Segundo John Keynes Ã© a procura agregada que define o nÃvel de funcionamento da economia de mercado. Ou seja, quanto maior a procura agregada, maior o nÃvel de atividade da economia de um determinado paÃs, no caso, de Cabo Verde.

Para utilizarmos uma variÃ¡vel bastante usada no nosso paÃs, quanto maior a procura agregada, maior o PIB, ou seja, maior a taxa de crescimento do PIB.

A procura agregada Ã© a soma da procura para o consumo e da procura para o investimento.

ComeÃ§ando do fim para o princÃpio, a procura agregada induzida pelo turismo Ã© a soma dos consumos dos turistas e dos trabalhadores ligados ao setor, por um lado, e da procura ligada aos investimentos que permitem a prÃ¡tica do turismo (construÃ§Ã£o dos hotÃ©is, etc).

Como disse atrÃ¡s, John Keynes nÃ£o analisou a repartiÃ§Ã£o da procura agregada entre a procura agregada global e a procura agregada de cada paÃs, nomeadamente a dos paÃses nÃ£o desenvolvidos, como Cabo Verde, em confronto com a dos paÃses desenvolvidos. O que era expectÃ¡vel, na Ã©poca.

Em consequÃªncia e segundo o pensamento de John Keynes, a polÃtica econÃ³mica tem um papel fundamental neste domÃnio nos paÃses como Cabo Verde, nomeadamente na repartiÃ§Ã£o da procura agregada, entre a que poderÃ¡ fazer parte da procura agregada nacional e a que farÃ¡ parte da procura agregada de paÃses desenvolvidos a atuar no mercado cabo-verdiano. Tanto dos investimentos, quanto dos consumos, induzidos pelo turismo.

Da anÃ¡lise da polÃtica econÃ³mica seguida em Cabo Verde, Ã© fÃ¡cil concluir que, no nosso paÃs, nÃ£o existe polÃtica econÃ³mica que siga o pensamento de John Keynes.

Quer na procura induzida pelos investimentos, quer na procura induzida pelos consumos.

A tÃtulo de exemplo, e cingindo-me ao turismo, a procura pelos operadores turÃsticos de produtos frescos da agricultura, satisfeita pela oferta da agricultura cabo-verdiana, Ã© de apenas cinco por cento, num volume de negÃ³cio da ordem dos cem milhÃµes de euros. Valor jÃ¡ com um nÃvel suficiente para garantir a modernizaÃ§Ã£o da agricultura cabo-verdiana e significativa reduÃ§Ã£o da pobreza, do Ãªxodo rural e da emigraÃ§Ã£o.

Quanto Ã  EficiÃªncia Marginal do Capital em Cabo Verde, irei analisar, ilustrando com um exemplo, este conceito decisivo no funcionamento nÃ£o autorregulado da economia de mercado.

A EficiÃªncia Marginal do Capital, segundo John Keynes, Ã© a relaÃ§Ã£o (dada pelo quociente) entre o fluxo dos rendimentos ou lucros futuros que o investidor acredita obter da venda dos produtos ou serviÃ§os do seu empreendimento (numerador) e o custo do bem de capital (denominador), entendido este como o custo previsto (ou seja, futuro) da encomenda de uma unidade idÃªntica Ã s existentes no momento, custo tambÃ©m designado de reposiÃ§Ã£o.

John Keynes mostrou que a EficiÃªncia Marginal do Capital tende a diminuir, Ã  medida que os investimentos para a produÃ§Ã£o de um determinado bem ou serviÃ§o aumentam, quer porque o lucro ou rendimento esperado terÃ¡ a tendÃªncia para diminuir Ã  medida que aumenta a oferta desse tipo de bem ou serviÃ§o, quer porque o preÃ§o dos bens de capital em causa (denominador) tenderÃ¡ a aumentar com o aumento da sua procura pelos investidores.

Saltando consideraÃ§Ãµes que nÃ£o fazem sentido neste encontro, com a diminuiÃ§Ã£o continuada da EficiÃªncia Marginal do Capital num determinado tipo de investimento, este tende a diminuir, parando quando a relaÃ§Ã£o, dada pela taxa determinada, for igual Ã  taxa de juro dominante no mercado.

Isto Ã©, nÃ£o haverÃ¡ mais investimentos quando a EMC for inferior Ã  taxa de juro de mercado.

O que deve colocar a variÃ¡vel taxa de juro no centro de um conjunto articulado de medidas de polÃtica econÃ³mica, supondo o seguimento do pensamento de John Keynes, o que se torna evidente nÃ£o ser o caso do Estado cabo-verdiano.

Ora, segundo John Keynes, o Estado Ã© fundamental para o funcionamento da economia de mercado, especialmente para corrigir a tendÃªncia para a queda da EficiÃªncia Marginal do Capital, atravÃ©s das intervenÃ§Ãµes na economia a que se dÃ¡ o nome de PolÃticas EconÃ³micas.

Claro, desde que os poderes do Estado concordem com as teses do pensamento de John Keynes e as adotem na definiÃ§Ã£o das suas polÃticas econÃ³micas.

Ou seja, pelo que disse mais acima em relaÃ§Ã£o ao outro conceito central do pensamento de John Keynes, isto Ã©, da procura agregada ser o motor da atividade econÃ³mica, e o que acabei de dizer em relaÃ§Ã£o Ã  EMC, concluo que as autoridades do Estado cabo-verdiano nÃ£o sÃ£o seguidoras do pensamento de John Keynes.

Isto Ã©, seguem outro pensamento na definiÃ§Ã£o das polÃticas econÃ³micas do Estado, o que Ã© criticÃ¡vel, para quem segue o pensamento de John Keynes nesta matÃ©ria, mas, que Ã© obviamente legÃtimo, na medida em que Cabo Verde Ã© um paÃs independente e soberano.

Ã? claro que este pensamento alternativo Ã© minoritÃ¡rio no mundo globalizado, o que implica riscos especiais para Cabo Verde.

Caras e caros,

Permitam-me interromper esta anÃ¡lise teÃ³rica e fazer um parÃªntesis acerca de uma matÃ©ria que, no momento, preocupa enormemente os empresÃ¡rios cabo-verdianos, em especial do setor do turismo e do setor dos transportes terrestres.

Refiro-me ao fenÃ³meno da emigraÃ§Ã£o por encomenda, matÃ©ria que estÃ¡ intimamente ligada ao assunto que estou a abordar.

EmigraÃ§Ã£o que faz parte da questÃ£o demogrÃ¡fica que, penso ser o maior desafio de Cabo Verde, se quiser tornar-se um paÃs desenvolvido.

A emigraÃ§Ã£o por encomenda de certo tipo de profissionais, atualmente, parece ameaÃ§ar um importante conjunto de setores da atividade econÃ³mica em Cabo Verde.

Este fenÃ³meno de emigraÃ§Ã£o por encomenda resulta da convergÃªncia na Europa de diversas condicionantes, intensificadas pela aceleraÃ§Ã£o da histÃ³ria.

A convergÃªncia entre o generalizado envelhecimento da populaÃ§Ã£o em todos os paÃses europeus, a mobilidade de trabalhadores, sem restriÃ§Ãµes, na Europa, as diferenÃ§as substanciais entre os salÃ¡rios mÃnimos e entre os salÃ¡rios mÃ©dios, nos diferentes paÃses europeus, estas condicionantes, intensificaram este tipo de emigraÃ§Ã£o.

Prevejo que a seguir a estes dois sectores, o turismo e os transportes terrestres, outros sectores de atividade em Cabo Verde, com nÃveis salariais mais elevados, irÃ£o ser igualmente alvo deste tipo de emigraÃ§Ã£o.

Este fenÃ³meno Ã© um sinal do aprofundamento da globalizaÃ§Ã£o.

A resposta positiva massiva por parte da nossa juventude a este novo episÃ³dio de emigraÃ§Ã£o por encomenda Ã© um indicador preocupante de como uma parte da nossa populaÃ§Ã£o vÃª e sente Cabo Verde, em termos de expectativa (baixa) e de confianÃ§a, igualmente baixa.

Entre parÃªntesis, de notar que Cabo Verde tem sido ciclicamente alvo deste tipo de emigraÃ§Ã£o.

Fazendo o apelo Ã  histÃ³ria, avanÃ§o alguns exemplos:

Na dÃ©cada de 60 do sÃ©culo passado, emigraÃ§Ã£o por encomenda e repentina de marÃtimos sem qualificaÃ§Ã£o, para a Holanda.

Nos inÃcios da dÃ©cada de 70 do mesmo sÃ©culo, de emigrantes para a construÃ§Ã£o civil em Portugal, a chamada emigraÃ§Ã£o Â«J PimentaÂ», que viria a terminar com o 25 de abril de 1974.

EmigraÃ§Ã£o por encomenda de marinheiros para a captura da baleia nos Estados Unidos da AmÃ©rica.

EmigraÃ§Ã£o por encomenda para SÃ£o TomÃ© e PrÃncipe.

Internamente, movimentos de migraÃ§Ã£o sÃºbita, tambÃ©m por encomenda, para o comeÃ§o da criaÃ§Ã£o da cidade do Mindelo, em SÃ£o Vicente, na dÃ©cada de 30 do sÃ©culo XIX, provenientes essencialmente de Santo AntÃ£o, SÃ£o Nicolau e Santiago.

MigraÃ§Ã£o por encomenda e combinada com a espontÂ¢nea das ilhas agrÃcolas para o Sal e a Boavista, para dar resposta Ã  procura de mÃ£o-de-obra induzida pelo turismo.

De notar que todos os fenÃ´menos de emigraÃ§Ã£o ou de migraÃ§Ã£o por encomenda do passado, provavelmente, tiveram os mesmos efeitos nas ilhas agrÃcolas emissoras. Ã? semelhanÃ§a do que estÃ¡ a ocorrer atualmente, com a emigraÃ§Ã£o por encomenda, dirigida aos trabalhadores das ilhas do Sal, da Boavista, do Maio, de SÃ£o Vicente e da cidade da Praia, em Santiago.

Caras amigas, caros amigos,

A questÃ£o demogrÃ¡fica Ã© um grande desafio para o desenvolvimento de Cabo Verde, e em grande medida, Ã© um desafio que faz parte da histÃ³ria de Cabo Verde, desde os seus primÃ³rdios.

A demografia cabo-verdiana Ã© prÃ³pria de um pequeno paÃs subdesenvolvido, arquipelÃ¡gico, sujeito a secas periÃ³dicas, relativamente distante de centros econÃ³micos polarizadores.

Com permanente excedente de residentes, subemprego, desemprego crÃ³nico, e emprego precÃ¡rio e baixos salÃ¡rios. E com equilÃbrios muito frÃ¡geis, que se rompem facilmente.

Contudo, e contraditoriamente, Cabo Verde Ã© um paÃs pouco povoado, a partir do momento em que se pensa o desenvolvimento ou, mesmo, em sÃºbita necessidade de Â«muita mÃ£o-de-obraÂ».

Necessariamente a precisar, sempre e em qualquer caso e momento, de um substancial reforÃ§o de residentes se se quiser fazer o desenvolvimento do arquipÃ©lago.

Em jeito de conclusÃ£o, com a mobilidade praticamente sem restriÃ§Ãµes entre Cabo Verde e a Europa, o fenÃ³meno da emigraÃ§Ã£o por encomenda de Cabo Verde para a Europa, especialmente para Portugal, irÃ¡ continuar, com consequÃªncias imprevisÃveis para a economia e estabilidade do paÃs.

Assim sendo, fica a pergunta: nÃ£o hÃ¡ soluÃ§Ã£o para os riscos que este fenÃ³meno arrasta para Cabo Verde?

Acredito que hÃ¡ soluÃ§Ã£o e a ela voltaremos.

Uma vez mais, a vossa compreensÃ£o para o regresso a John Keynes e Ã s polÃticas econÃ³micas em Cabo Verde.

## O NÃvel das Taxas de Juro em Cabo Verde e a EMC

Voltarei agora Ã  questÃ£o do nÃvel das taxas de juro e a EficiÃªncia Marginal do Capital.

Os sucessivos governos em Cabo Verde, incluindo o atual, tÃªm feito uma grande aposta na infraestruturaÃ§Ã£o do paÃs, o que se compreende e, em princÃpio, Ã© de enaltecer.

Contudo, a intervenÃ§Ã£o do Estado na economia nÃ£o deve ser guiada apenas pelo voluntarismo de ver as nossas gentes, em todas as ilhas, deixarem de estar isoladas, ou pelo acreditar que fazendo as infraestruturas a que habitualmente estÃ£o associadas o desenvolvimento, o que falta Â«acontecerÃ¡Â».

Segundo John Keynes, as coisas nÃ£o acontecem dessa forma tÃ£o simples.

Ou seja, em um programa coerente de polÃticas econÃ³micas que, num paÃs por desenvolver, devem constituir um sistema coerente de polÃticas de fomento empresarial, com o voluntarismo, o que falta Â«nÃ£o acontecerÃ¡Â».

Isto Ã©, um robusto programa de infraestruturas, por si sÃ³, ou acompanhado de um incipiente programa de fomento empresarial, que Ã© o que acontece atualmente em Cabo Verde, nÃ£o Ã© suficiente para desencadear o desenvolvimento do paÃs e, curiosamente, pode pÃ´r em causa o processo de desenvolvimento.

O que explica John Keynes.

Vejamos como essa contradiÃ§Ã£o entre o que se pretende e o que acontece se concretiza, segundo John Keynes. Socorrendo-nos do conceito de EficiÃªncia Marginal do Capital e da sua relaÃ§Ã£o com as taxas de juro.

Recordemos que segundo John Keynes, a EMC tende necessariamente a cair e que a taxa de juro Ã© o limite a partir do qual o investimento em bens de capital deixa de acontecer.

Ora, o que acontece com os programas voluntariosos de infraestruturaÃ§Ã£o, evidentemente com um substancial endividamento pÃºblico e consequente aumento das taxas de juro?

Olhando para o caso de Cabo Verde, mesmo antes da pandemia e da guerra na Europa, o risco-paÃs aumenta e as taxas de juro crescem para valores que se comportam negativamente com a inevitÃ¡vel queda da EMC.

E, em consequÃªncia, o paÃs corre o risco de chegar ao ponto em que os novos empreendimentos nÃ£o acontecem em quantidade e velocidade suficientes para pagar o serviÃ§o da dÃvida contraÃda para a construÃ§Ã£o das infraestruturas ou, sequer, para garantir a sua manutenÃ§Ã£o.

Pergunto, e se o paÃs nÃ£o tiver as condiÃ§Ãµes ou oportunidades para gerar a riqueza, atravÃ©s de novos empreendimentos, para repor os equilÃbrios que a economia de mercado exige?

A resposta Ã© simples e Ã³bvia: torna-se um paÃs inviÃ¡vel, Ã  espera de um tempo de mudanÃ§a, sem calendÃ¡rio definido. Eternamente dependente da ajuda externa.

## Como introduzir o otimismo no processo?

Felizmente, pela via do atual acelerador da histÃ³ria, Cabo Verde, como afirmei no inÃcio desta apresentaÃ§Ã£o, tem Ã sua disposiÃ§Ã£o Â«oportunidades como nunca teveÂ».

Oportunidades para se transformar num Â«paÃs-plataformaÂ».

Do meu ponto de vista, e com toda a humildade, se Cabo Verde decidir seguir o pensamento de John Keynes.

E quanto a mim, Ã© a Ãºnica forma de, entre outros, dar resposta ao desafio demogrÃ¡fico que estamos a enfrentar.

Com novas polÃticas econÃ³micas, com novos instrumentos, com vontade fÃ©rrea de inovar e de fazer diferente.

Exemplificando:

### 1. Cabo Verde, paÃs-plataforma

Algumas Plataformas que importa clarificar e partilhar:

Plataforma de SeguranÃ§a e MediaÃ§Ã£o Regional.

Plataforma Internacional de Lazer e de Eventos, que comeÃ§ou pelo Turismo e que estÃ¡ a dar os primeiros passos, na ilha do Sal, para os casinos e o golfe. Integrados nesta plataforma, estÃ£o igualmente a despontar, em vÃ¡rias ilhas, a pesca desportiva, os desportos nÃ¡uticos e a navegaÃ§Ã£o internacional de lazer.

Plataforma Internacional de SaÃºde.  Plataforma Internacional de Ensino e de FormaÃ§Ã£o Profissional.

Plataforma industrial de assemblagem de equipamentos de alto valor e a sua manutenÃ§Ã£o.  Plataforma comercial.

Plataformas diversas, de cariz eminentemente econÃ³mico.  Plataforma digital.

De assinalar que, comeÃ§ado o processo, diversos novos segmentos serÃ£o Â«descobertosÂ» e interligados Ã s plataformas em funcionamento.

Sobre a Plataforma da SeguranÃ§a e MediaÃ§Ã£o Regional, ela remete para o papel geoestratÃ©gico de Cabo Verde na nossa regiÃ£o e para a delicadeza e inteligÃªncia da sua definiÃ§Ã£o e prÃ¡tica. Em grande medida, a sua configuraÃ§Ã£o determinarÃ¡ a qualidade e profundidade de Cabo Verde enquanto paÃs-plataforma.

Relativamente Ã  Plataforma Internacional de SaÃºde, lembro que estÃ¡ um trabalho em curso, liderado por uma equipa multidisciplinar, hÃ¡ cerca de quatro anos e que no passado dia 30 de setembro foi assinado pelo Governo um protocolo de parceria com uma instituiÃ§Ã£o internacional, para o comeÃ§o da construÃ§Ã£o desta plataforma.

SÃ£o os seguintes os subsectores que integram a Plataforma Internacional de SaÃºde:

A SaÃºde para o Turista;  O Turismo de SaÃºde;

A Assemblagem de Equipamentos de SaÃºde e sua ManutenÃ§Ã£o;  A ProduÃ§Ã£o de Medicamentos e de Vacinas;

A criaÃ§Ã£o de um Centro de CertificaÃ§Ã£o de Medicamentos e de Procedimentos MÃ©dicos em Cabo Verde.

Na definiÃ§Ã£o desta configuraÃ§Ã£o da Plataforma Internacional de SaÃºde estiveram envolvidas a OrganizaÃ§Ã£o Mundial da SaÃºde e a Ã•frica Healthcare Federation.

Ainda no que respeita Ã  Plataforma Internacional de SaÃºde, Ã© fundamental que a indispensÃ¡vel alteraÃ§Ã£o da legislaÃ§Ã£o da saÃºde em Cabo Verde seja um momento especial de viragem.

Que a nova legislaÃ§Ã£o seja transformada numa vantagem competitiva para Cabo Verde. A OMS e Ã•frica Healthcare Federation jÃ¡ se disponibilizaram para apoiar tÃ£o importante momento da construÃ§Ã£o da Plataforma Internacional de SaÃºde em Cabo Verde.

## 2. O Banco de Fomento

A construÃ§Ã£o de um paÃs-plataforma exige um enorme esforÃ§o de financiamento, como nunca aconteceu em Cabo Verde. Financiamento de micro, mÃ©dios e grandes empreendimentos, em todos os sectores de atividade.

Nos sectores tradicionais da nossa economia, nos novos sectores hoje existentes, nas start ups que a nossa juventude comeÃ§a hoje a criar, nas diversas plataformas a construir.

Tenho afirmado, em vÃ¡rias circunstÃ¢ncias, que a nossa banca comercial Ã© digna de elogios pelo trabalho que tem desenvolvido, quer em termos fÃsicos de cobertura do territÃ³rio, quer em termos da qualidade e modernidade dos serviÃ§os que presta.

Contudo, nÃ£o Ã© o instrumento de financiamento de que o paÃs-plataforma necessita.

NÃ£o vos vou maÃ§ar com os detalhes que jÃ¡ tive ocasiÃ£o de referir em outros momentos, por isso limito-me a dizer uma vez mais, Cabo Verde paÃs-plataforma necessita, o mais rapidamente possÃvel, de um banco de fomento que financie, financie e financie a economia, que Ã© de mercado.

Que, inclusive, possa servir, pela sua aÃ§Ã£o, como catalisador da reforma e modernizaÃ§Ã£o do conjunto do nosso sistema financeiro.

O banco de fomento deverÃ¡ financiar a economia cabo-verdiana individualmente ou em consÃ³rcio com os bancos comerciais nacionais, com instituiÃ§Ãµes financeiras internacionais, quer as que hoje se relacionam com Cabo Verde, quer com outras.

O banco de fomento que poderÃ¡ ter como acionistas tambÃ©m instituiÃ§Ãµes financeiras internacionais, nomeadamente as que hoje mantÃªm relaÃ§Ãµes privilegiadas com Cabo Verde.

## 3. A QuestÃ£o DemogrÃ¡fica

A questÃ£o demogrÃ¡fica Ã© um dos grandes desafios que Cabo Verde tem que ser capaz de ultrapassar, enquanto condiÃ§Ã£o para o desenvolvimento.

A demografia cabo-verdiana, neste momento, caracteriza-se por:

- Preocupante diminuiÃ§Ã£o da populaÃ§Ã£o residente, com a simultÃ¢nea diminuiÃ§Ã£o da populaÃ§Ã£o feminina residente.
- Um desordenado movimento de concentraÃ§Ã£o de pessoas em duas ilhas e nos principais centros urbanos, com a desertificaÃ§Ã£o humana nas restantes ilhas e no interior das ilhas agrÃcolas.

Face a estas caracterÃsticas e ao que atrÃ¡s disse sobre o surto de emigraÃ§Ã£o por encomenda a que Cabo Verde estÃ¡ neste momento sujeito, Ã© oportuno fazer a seguinte pergunta: Cabo Verde responde ao desafio da Â«dimensÃ£o mÃnima Ã³timaÂ», do ponto de vista da populaÃ§Ã£o que ocupa o territÃ³rio?

Por outro lado, os eventuais desequilÃbrios na ocupaÃ§Ã£o do territÃ³rio estÃ£o contidos em limites que nÃ£o pÃµem em causa os equilÃbrios de funcionamento das estratÃ©gias de desenvolvimento do paÃs, no caso da construÃ§Ã£o articulada das plataformas internacionais?

A resposta a estas duas questÃµes centrais na perspetiva demogrÃ¡fica atualmente em Cabo Verde Ã© negativa e preocupante.

A soluÃ§Ã£o, quanto a mim, Ã© Ã³bvia:

Ã? preciso fazer crescer a populaÃ§Ã£o residente em Cabo Verde, rapidamente e em articulaÃ§Ã£o com uma clara estratÃ©gia de desenvolvimento do paÃs.

Tive ocasiÃ£o de fazer esta proposta na reuniÃ£o do Conselho de ConcertaÃ§Ã£o Social, no passado mÃªs de setembro:

Ã? urgente promover o crescimento da populaÃ§Ã£o residente em Cabo Verde, dos atuais menos de 500 mil pessoas, para 1 milhÃ£o de pessoas, no prazo de 20 anos, ou seja atÃ© 2042.

Com o recurso a dois programas, a serem trabalhados em concertaÃ§Ã£o nacional:

- Um programa de regresso organizado de cidadÃ£os e cidadÃ£s da DiÃ¡spora cabo-verdiana. Com a criaÃ§Ã£o de programas de identificaÃ§Ã£o de projetos empresariais em sectores eleitos como prioritÃ¡rios e mobilizaÃ§Ã£o de promotores e de quadros disponÃveis para a sua implementaÃ§Ã£o.
- Um programa de imigraÃ§Ã£o, baseado, por exemplo, no programa de imigraÃ§Ã£o do Luxemburgo

Caras e caros,

Uma nota final sobre a emigraÃ§Ã£o por encomenda e o desenvolvimento.

O comeÃ§o da construÃ§Ã£o de uma estratÃ©gia de desenvolvimento do paÃs, que serÃ¡, quanto a mim, a aposta de um Cabo Verde paÃs-plataforma, acompanhado do programa de 1 milhÃ£o de residentes, terÃ¡ o efeito de travagem de outras futuras respostas massivamente entusiÃ¡sticas a iniciativas de emigraÃ§Ã£o por encomenda, por duas razÃµes.

Porque a partir do inÃcio da construÃ§Ã£o do processo de desenvolvimento do paÃs, os salÃ¡rios reais irÃ£o crescer substancialmente, as oportunidades para todos irÃ£o acontecer e o nÃvel da expetativa e da confianÃ§a dos cidadÃ£os e cidadÃ£s em Cabo Verde, nomeadamente da juventude, irÃ¡ igualmente crescer.

E porque a emigraÃ§Ã£o Ã© um grande sacrifÃcio psicolÃ³gico e espiritual, pessoal e familiar, e, de forma geral, as pessoas sÃ³ a ela recorrem, quando nÃ£o tÃªm alternativa ou nÃ£o acreditam no caminho seguido. SÃ³ quem nÃ£o

passou pela experiÃªncia da emigraÃ§Ã£o, nÃ£o sabe o doloroso que Ã© a decisÃ£o e a sua execuÃ§Ã£o.

## 4. A governanÃ§a partilhada

Caras e caros,

Na referida reuniÃ£o do Conselho de ConcertaÃ§Ã£o Social, do mÃªs de setembro, tive ocasiÃ£o de propor ao Senhor Primeiro-Ministro o substancial aumento da GovernanÃ§a Partilhada em Cabo Verde.

Na altura, disse que Ã© preciso envolver o todo nacional, aumentar a confianÃ§a e definir um rumo plausÃvel e visÃvel para o conjunto dos cabo-verdianos e das cabo-verdianas, especialmente para os jovens.

Criar uma expectativa positiva em cada um de nÃ³s, empresÃ¡rios, trabalhadores, pessoas da cultura, jovens e menos jovens, homens e mulheres.

Nomeadamente,

Concluir o ciclo das eleiÃ§Ãµes dos Ã³rgÃ£os de poder do Estado, com a eleiÃ§Ã£o dos Ã³rgÃ£os inframunicipais, bem como das regiÃµes. Ciclo iniciado e interrompido hÃ¡ cerca de 30 anos.

ReforÃ§ar do ponto de vista institucional o Conselho de ConcertaÃ§Ã£o Social e fazer a instalaÃ§Ã£o das outras instituiÃ§Ãµes de participaÃ§Ã£o da sociedade civil previstas na ConstituiÃ§Ã£o da RepÃºblica, com um atraso de cerca de trinta anos, designadamente o Conselho EconÃ³mico, Social e Ambiental, o Conselho das Comunidades e o Conselho para o Desenvolvimento Regional.

A tÃtulo de exemplo desta premÃªncia de reforÃ§o da governanÃ§a partilhada, nomeadamente na perspetiva do programa de envolvimento da DiÃ¡spora na construÃ§Ã£o de um paÃs-plataforma, dificilmente se conseguirÃ¡ conquistar a plena confianÃ§a da DiÃ¡spora cabo-verdiana, enquanto nÃ£o se definir um cronograma de criaÃ§Ã£o e instalaÃ§Ã£o do Conselho das Comunidades.

E este propÃ³sito de reforÃ§o da governanÃ§a partilhada deve ser entendido e enquadrado por um programa partilhado de aprofundamento da democracia em Cabo Verde.

## 5. De novo, John Keynes

Caras e caros,

Para terminar, permitam-me regressar de novo a John Keynes.

Em primeiro lugar, com uma breve referÃªncia, em termos de polÃtica econÃ³mica, Ã  poupanÃ§a.

Por uma razÃ£o muito simples, porque tudo comeÃ§a na poupanÃ§a. Sem poupanÃ§a nÃ£o hÃ¡ investimento. Quer a poupanÃ§a interna, quer o acesso inteligente Ã  poupanÃ§a externa.

Cuidar da poupanÃ§a interna Ã©, sobretudo, ter em conta que o ato de aplicar a poupanÃ§a pelos cidadÃ£os e empresas significa renunciar Ã  liquidez o que supÃµe confianÃ§a e existÃªncia de produtos disponÃveis e fiÃ¡veis no mercado. O que implica a necessidade do reforÃ§o da formalizaÃ§Ã£o da economia e o reforÃ§o do papel e visibilidade da nossa Bolsa de Valores.

Por outro lado, ter acesso Ã  poupanÃ§a externa, em processo de desenvolvimento, supÃµe, igualmente, um espÃrito de partilha entre o Estado, no sentido do Governo, e as instituiÃ§Ãµes pÃºblicas e privadas, nomeadamente a Bolsa de Valores.

Ainda sobre John Keynes e sobre a contradiÃ§Ã£o identificada pela via da EficiÃªncia Marginal do Capital, entre as aÃ§Ãµes de investimento pÃºblico, nomeadamente nos investimentos em infraestruturas e o aumento das taxas de juro, permitam-me, no tocante Ã s polÃticas econÃ³micas, propor que se estabeleÃ§a a obrigaÃ§Ã£o legal de calcular e tornar pÃºblico a eficiÃªncia marginal de qualquer investimento em infraestruturas em Cabo Verde.

E que se construa obrigatoriamente uma estrela de atividade empresarial, em relaÃ§Ã£o a qualquer projeto de infraestrutura, cujo centro seja o referido investimento na ou nas infraestruturas e as pontas da estrela sejam os empreendimentos jÃ¡ existentes e os projetos de fomento empresarial nas regiÃµes circundantes.

E que seja feito o confronto entre a eficiÃªncia marginal do investimento na ou nas infraestruturas, porventura negativa (relaÃ§Ã£o entre a EMC e as taxas de juro), e a soma das eficiÃªncias marginais da aplicaÃ§Ã£o de capital nos empreendimentos das pontas da estrela.

Caras e caros, finalmente a conclusÃ£o da jÃ¡ extensa comunicaÃ§Ã£o. As minhas sinceras desculpas pelo fato.

## 6. Uma visita Ã  histÃ³ria de Cabo Verde

Permitam-me despedir desta magna assembleia trazendo atÃ© vÃ³s um pedaÃ§o da nossa histÃ³ria, do sÃ©culo XVIII, apenas para ilustrar o fato de Cabo Verde ser um paÃs situado numa encruzilhada geogrÃ¡fica que teimarÃ¡ sempre em ditar a sua histÃ³ria, incluÃda a histÃ³ria presente e atual.

Em 1724, a ilha de Santo AntÃ£o foi arrendada pelo seu donatÃ¡rio a mercadores ingleses, por um perÃodo de 27 anos.

A Coroa portuguesa viria a denunciar o contrato assinado entre o donatÃ¡rio e os referidos mercadores por temer a ocupaÃ§Ã£o da ilha, bem como da ilha vizinha de SÃ£o Vicente, ainda nÃ£o povoada, pelos ingleses.

â?¦

Segundo relato do CÃ³nego Figueira, que fez escala em Santo AntÃ£o, vindo de Lisboa, o mesmo fora informado pelo CapitÃ£o-Mor e Feitor portuguÃªs Manuel Loureiro Henriques de que, e cito, Â«os ingleses estavam com pretensÃ£o de fabricarem roupa de algodÃ£o de todo o gÃ©nero para na Costa da GuinÃ© comprarem todos escravos que possÃvel fosse para com melhor modo fabricarem muito aÃ§Ãºcar, anil, panos de algodÃ£o e criarem todo o gÃ©nero de gadoâ?¦Â»

E continuava, Â«o prÃ³prio feitor portuguÃªs tinha embarcado, por ordem do MarquÃªs da Gouveia, donatÃ¡rio da ilha, 51 escravos e todas as peles de cabra, num navio inglÃªs, com destino a Jamaica. Eram 100 os escravos, mas, os restantes conseguiram fugir.Â»

Fim de citaÃ§Ã£o, e como sabem, de fato os ingleses foram expulsos, evitando-se a construÃ§Ã£o de uma possessÃ£o inglesa em Santo AntÃ£o e SÃ£o Vicente. E, como seguramente igualmente sabem, a ilha de SÃ£o Vicente sÃ³ viria a ser massivamente povoada um sÃ©culo depois, por altura de 1836, com a construÃ§Ã£o da cidade do Mindelo, para servir de plataforma de serviÃ§os internacionais, curiosamente com o financiamento do Governador HonÃ³rio Barreto, da GuinÃ©-Bissau e uma parceria entre Lisboa e Londres.

E Ã© o fim da minha apresentaÃ§Ã£o.

Muito obrigado,

**APARTADOSTEMATICOXEOGRAFICOS**

Ã•frica

**ETIQUETAS**

galiza internacional

**IDIOMA**

PortuguÃ©s

**INVESTIGACION**

Relaciones Internacionales Observatorio Gallego de la LusofonÃa

**Fecha de creaciÃ³n**
7 de noviembre de 2022
**Campos meta**
**Autoria :** 101460

**Datapublicacion :** 20221107